

Rêverie re-visitado¹

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo²

Resumo: O trabalho do sonho alfa é uma função primordial e permanente do psiquismo. Ele permite criar os pictogramas que oferecem figurabilidade para metabolizar as experiências emocionais. Esta teoria revoluciona a *Techné* psicanalítica. *Rêverie* é o conceito-chave que destaca e ilumina a relação de objeto. Ele nasce numa história transgeracional. A mãe grávida está envolvida numa união com sua mãe e com seu bebê. No psiquismo pré-natal e nos primeiros anos de vida da criança ela retira-se do mundo externo para investir sua atenção na relação com o filho. O analista exerce com o paciente a função alfa e o trabalho de sonho alfa em vez de *rêverie*, porque ele não teve com o paciente uma gestação – a não ser metafórica – corporal compartilhada. A função do *rêverie* na constituição da mente e suas múltiplas funções são destacadas: o trânsito através da cesura; matriz da mudança catastrófica; experiência de continuidade nas transformações; função de reclamação (Alvarez, 1992); ensinar a experiência da paixão; permitir o trabalho de figurabilidade (Botella, 2007); iniciar a atividade K da mente; inspirar a tolerância à frustração; convocar a esperança e fé; a cultura a partir do vértice artístico exerce função equivalente à do *rêverie*. Vinhetas clínicas ilustram a teoria.

Palavras-chave: trabalho do sonho; *rêverie*; constituição da mente; gênese do *rêverie*; funções do *rêverie*; técnica psicanalítica.

...Beauty is truth, truth beauty, that is all you need

Ye know on earth, and all we need to know.

Keats

Introdução

O termo alemão *Tagtraum*, usado por Freud (1979a/1900), é traduzido do francês como sonho diurno, sonhar acordado e *rêverie*. É importante destacar que a metapsicologia do sonho é diferente em Freud e em Bion. No criador de nossa ciência o sonho nasce da pressão pulsional: o sexual recalcado, a realização de desejos, os conflitos entre as instâncias psíquicas. O modelo da mente é estrutural. Um dos objetivos do trabalho dos sonhos é a elaboração dos traumas da infância. A transformação em imagens – *o trabalho da figurabilidade* – é uma de suas finalidades e acontece pela via regrediente – regressão tópica e formal. O caminho progressivo permite a elaboração secundária e a narrativa do sonho.

Para Bion, o trabalho dos sonhos é uma função primordial e permanente do psiquismo. Seu modelo é multidimensional (Rezze, 2009). O autor indiano legitima e explicita a diferença da função do sonho diurno e do sonho noturno: sonho sobre o sonho. Este último é constituído por uma função de filtro e de eleição dos elementos alfa ocorridos durante o dia (Ferro, 1999) – filmados, alfabetizados e conservados –, durante o estado de vigília (Bianchedi, 1995). Ferro (1999) propõe que, assim como há um “aparato para pensar os

1 Prêmio Revista FEPAL.

2 Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo SBPSP.

pensamentos” (Bion, 1962b), também é possível conceber “um aparato para sonhar os sonhos” que opere em um segundo nível sobre os elementos alfa ocorridos, para dar sentido às experiências; este seria a “capacidade negativa da mente no sonho”. A simbolização e o trabalho do sonho permitem a memória. Graças ao sonho, é possível criar os pictogramas que permitem dar figurabilidade e metabolizar as experiências emocionais.

O significado de *rêverie* transcende a ideia de imaginação e a fantasia se estende a um cenário, a uma história (Botella, 2007). Junqueira Filho (1991) rastreia sua origem etimológica:

Este substantivo que surge no *middle english* tardio origina-se do adjetivo *rêverie* do francês arcaico, que significa júbilo e regozijo, que por sua vez vem do verbo *rever* (fazer, agradecer, festejar, regalar). Interessa aqui enfatizar que no século XVII o termo passou a ser sinônimo de outras expressões. *Brown study* (absorvido em devaneio, pensativo) e *Day dream* (quimera, sonho, devaneio), ganhando assim seu sentido atual, aquele que Bion atribui potencialmente na psique materna.³ (p. 57)

Rêverie é um *estado* particular de consciência receptiva e uma *atividade psíquica* para se manter nesse estado (Parson, 2007).

Bion o usou pela primeira vez em 1959 afirmando que o paciente psicótico não tem capacidade de *rêverie*.

Este termo tem penumbras de associações poéticas e musicais (Sandler, 2005). Melsohn (2001, p. 112) nos lembra que essa expressão havia sido usada por Max Scheler em 1923. É a sensibilidade da mãe na determinação das modulações espontâneas de seu comportamento em resposta às manifestações da vida emocional do bebê. Ela o nutre com experiências expressivas, que estabelecem uma ponte de união entre o mundo interno e o mundo externo. O filósofo alemão escreve:

Nós teremos ... um caso típico de fusão afetiva nas relações existentes entre mãe e filho Aqui nos apresenta esta particularidade que é ser amado primitivamente..., no sentido concreto e especial do termo de ser amante Nos *rêveries* da mulher absorvida pela maternidade ou pela espera da futura maternidade pode-se ver um estado de êxtase: pois é um êxtase, por assim dizer, intraorgânico, no curso do qual a mulher tem a revelação do filho em vias de nascer.⁴ (Scheler, citado por Melsohn, 2001, p. 112)

Este é um conceito teórico forte e criativo na obra de Bion, relacionado com a teoria do pensamento, a capacidade de tolerar a frustração, a necessidade de amor, o processo de conhecimento e a função alfa (Bion, 1967, 1970, 1973, 1977, 1980). *Rêverie* é o *conceito-chave que destaca e ilumina a relação de objeto* ao mesmo tempo em que é o nome de um verdadeiro mistério e um desafio à nossa compreensão.

Na obra de Bion (1962b) “Uma teoria do pensamento”, o autor destaca o desenvolvimento genético do processo de pensar, que expande clinicamente e detalha – mais adiante, na obra *Elementos de psicanálise* (1963) –, assim como as pré-concepções, as concepções – sinônimos de pensamento – e os conceitos. Em sua obra há um esforço para tentar superar o conceito e evitar a tentação de alcançar a verdade absoluta. Entre suas contribuições

3 Tradução da autora.

4 Tradução da autora.

teóricas importantes, destaco o discernimento entre a identificação projetiva normal – a serviço da comunicação, possível de ser interpretada pela mãe, graças ao *rêverie* – e a identificação projetiva onipotente e excessiva. Também a teoria do contentamento emocional da personalidade é fundamental para o crescimento e o desenvolvimento psíquicos.

Meltzer e Mack Smith (2008) concebem o amanhecer da imaginação, do pensamento e do nascimento do significado do bebê a partir da experiência corporal do percurso entre a comida ingerida e a sua evacuação. Esses autores formulam uma metapsicologia do neonatal. Nela se enfatiza a solidão entre as ingestões de alimento, a ignorância acerca da mentalidade da mãe, o ser educado unicamente por um ritmo de atenções que esta lhe concede e a incapacidade de criar símbolos e de ter sonhos com significado. O autor da apreensão estética enfatiza a dependência do bebê às atenções da mãe.

A proposta de reescrever o Gênesis “No princípio era o alimento” (p. 18), por Grotstein (2004), coincide com a afirmação de que o primeiro objeto é a placenta. O pânico encontra alívio ao se deparar com uma inteligência externa, e assim nascem as funções mentais. O *rêverie*, como sonho materno, é o equivalente a uma placenta, um órgão que filtra o contato com a realidade feia e assustadora, um equivalente à placenta fora do útero. Desta forma, uma “placenta *rêverie*” tem que ser proporcionada pela mãe. *Assim, as relações de objeto e as identificações com a função materna são simultâneas e permitem que o bebê possa aprender com a experiência compartilhada, criativamente.* O bebê aprende a ter fé e confiança no juízo da mãe.

Não posso deixar de mencionar, nesta introdução, a diferença entre os conceitos de Winnicott (1965) sobre *holding* e o *rêverie*, em Bion. Se ambas as experiências nos remetem à dimensão estética (Colucci e Silveira, 2009), é importante ter em conta que cada autor parte de uma base epistemológica distinta.

O *holding*, conceito de Winnicott, consiste na sustentação – pela “mãe suficientemente boa”, capaz de “preocupações maternas primárias” – da crença na *própria onipotência do bebê*. A mãe ampara o filho na dependência absoluta. A valorização da realidade é uma consequência de um *holding* bem-sucedido. A *rêverie* é a tentativa materna de proporcionar uma função continente destinada a compreender a realidade do bebê, *para sustentar a perda da onipotência e dosar o contato com a realidade.*

Gênesis do *rêverie*

O *rêverie* tem uma base histórica, genética e etiológica.

Este estado se inicia no sonho e no jogo das meninas que serão um dia mães. O *rêverie* é, na envoltura, algo similar a um véu de ilusão com a realidade e envolve a mulher grávida, que foi imortalizada por pintores em suas célebres Madonnas. Sor⁵ também descreveu a placidez extrema e os sonhos de mulheres grávidas. Ela mesma está envolta em uma união com a mãe e seu bebê e atualiza-se no psiquismo pré-natal nos primeiros anos de vida da criança, quando se retira do mundo externo para investir em sua relação com o filho. Cortiñas (2007) remonta o nascimento do *rêverie* com a *profundidade do transgeracional*. O aprendizado da maternidade, o peso da carga de modelos bizarros, enlouquecedores, inadequados, infiltram-se de geração em geração através dos mitos familiares, projetos

5 Sor, D. (2009). Comunicação pessoal.

identificatórios, missões a cumprir etc., que condensam múltiplas histórias. A identificação inconsciente é a elaboração responsável pela transmissão psíquica entre essas gerações.

A clínica da adoção, por exemplo, mostra-nos que os pais adotivos são privados da experiência pré-natal e o esforço para compreender o bebê adotado pode exigir uma disponibilidade mental e atenção muito especial, assim como um vínculo apaixonado e maduro.

O esforço para precisar os conceitos é sempre necessário em nossa particular ciência. O analista é convocado a exercer, na relação com seu paciente, *a função alfa e o trabalho do sonho alfa. Não é apropriado usar rêverie – a não ser como analogia simbólica – justamente porque o analista não teve com seu paciente uma gestação corporal compartilhada.*

A função do rêverie na construção da mente

Para Sor e Senet (1992), o *rêverie* é uma nuvem envolvente ou um véu de ilusão que protege o par. É um modelo de natureza pictórico, classificado no eixo vertical em C; no eixo horizontal em 4 Atenção, ou 5 Indagação da grade (Bion, 1977).

Para os autores argentinos, essa “nuvem” envolvente é uma nuvem de transformação e uma nuvem de ternura e amor. Estas favorecem o trânsito das emoções primitivas, que incluem terrores profundos – talâmicos e subtalâmicos – ligados ao desamparo e associados à voracidade canibalista, promovendo a evolução ligada ao crescimento mental e à capacidade de contato humano (nenhuma outra espécie nasce com tal período de neotenia). O autor destaca que a função de *rêverie* é um processo sem definição no tempo, considerado essencial para a transformação e alteração do bebê primitivo em um “bebê humano”.

A mãe envolve o bebê em um profundo estado de mente, *at-one-ment* – unicidade – com esse véu de ilusão e devaneio que se aproxima das transformações em “O” (origem). “O” para Bion (1965) denota a realidade última, a verdade absoluta, o infinito, a coisa em si mesma. Estas transformações representam o que é inseparável do SER – encontro do Ser materno e do Ser em gestação do filho –, que em sua essência não pode ser conhecido, mas pode ser reconhecido e sentido. Há aproximações ao “O” que permitem outras transformações: em pensamento, símbolos e conhecimento. A função *rêverie materna* é o órgão receptor das sensações de “si mesmo” do bebê. Ou seja, há uma estreita relação entre o *rêverie* de “si mesmo” e a “consciência infantil rudimentar de si mesmo”. Uma das formas privilegiadas de se aproximar de “O” é *vir a ser (devenir)* “O”, mediante a suspensão da memória, do desejo e da compreensão.

Em algumas ocasiões essa nuvem pode se romper para ambos os membros ou, ainda, pode ser uma ruptura transitória que faz com que, nesse momento, ambos a vislumbrem como uma experiência de contraste entre a imagem imaginada e a pessoa real.

Penso que quando essa ruptura não é transitória e oportuna, é vivenciada como traumática e insuportável. Esta separação prematura que não pode ser tolerada, cria uma consciência precoce e frágil, incapaz de promover as funções mentais – isto porque é a mãe que oferece um modelo de pensamento; se for uma mãe morta (Green, 1983), em seu funcionamento psíquico não pode exercer, por exemplo, a correlação entre as impressões sensoriais e o sentido. “Chora, estende os braços, me busca com a boquinha aberta, creio que está com fome”. No lugar de uma articulação entre os dados sensoriais, o choro, o gesto expressivo e a linguagem pré-verbal – que podem ser significados e integrados em um Fato

Selecionado, o nome – encontramos uma aglomeração. Esta separação traumática é um poderoso fator etiológico dos Transtornos Globais do Desenvolvimento Emocional, entre eles os dos estados autísticos.

O *rêverie* é uma função seletiva e especializada da função alfa materna no vínculo com o bebê. Sua função é transformadora ao metabolizar, desintoxicar e acolher a descarga emocional das identificações projetivas do bebê e da própria mãe. É também um sistema completo, que filtra e separa os elementos alfa dos beta, retém os elementos alfa e descarta os beta não transformados. Uma *alfa-beta*ização emocional é impulsionada. Ela sustenta a aprendizagem. Esta contribuição de Bion permite conjecturar que, em muitos pacientes que apresentam um diagnóstico de Transtornos Globais no Desenvolvimento Emocional, o retardo e o atraso mental podem ser consequência do déficit na formação do aparato para pensar os pensamentos. Entre os infinitos fatores convocados, destaco as falhas na função materna para poder metabolizar, transformar e digerir os conteúdos do filho.

O *rêverie*, ao ser uma atitude aberta e receptiva da função materna, pode *acolher a transmissão de qualquer conteúdo do bebê*. Quando essa função é capaz de formar articulações, relações e vínculos na matriz de significações, novos significados são criados. Conjecturas imaginárias podem ser inspiradas.

Para esses autores, o *rêverie* é um conduto para dosar as emoções e para injetar devoção. Por ser um conduto qualquer contendo “falta de amor”, os elementos fanáticos podem transitar por ele.

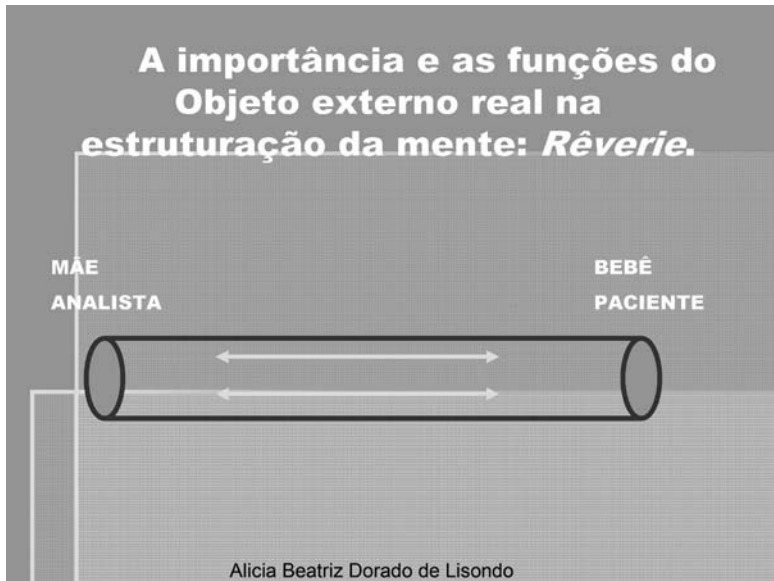
Williams (2008) aproxima a capacidade de *rêverie* materna do bebê desamparado e a linguagem eleita por ele é que se dá na sessão psicanalítica. A dimensão estética da mente é convocada na especificidade desses encontros. Emoções, atitudes, estilos, modelos de inspiração e de pensamento são oferecidos através de uma presença psíquica materna que vai muito além da linguagem verbal e do conteúdo dito. A entonação, o timbre, a melodia, as pausas, o tom de voz, a musicalidade da palavra, a postura corporal, o olhar, os gestos, expressam emoções maternas e permitem escutar, receber, moldar e compreender as sensações do bebê, originadas no corpo.

O conceito de *rêverie* hostil (Ribeiro, 1999) não tem sido facilmente aceito na comunidade científica. Talvez a necessária idealização da figura materna para proteger o ser humano de sua vulnerabilidade ontológica não permita conceber as perturbações nas funções paternas.

Em síntese, o *rêverie*, derivado da função alfa materna, é uma contribuição fundamental para a criação da mente do bebê.

A formulação mais conhecida deste conceito implica que a função alfa materna permita a transformação dos dados sensoriais em elementos alfa. Recapitulando, são eles os responsáveis pelo pensamento onírico e pelas capacidades de despertar ou dormir, assim como pela diferença entre consciente e inconsciente e a memória, graças à formação da barreira de contato na construção do espaço mental.

Pretendo enfatizar que o conceito de *rêverie*, em Bion, é o mais amplo entre os clássicos conhecidos quando a função materna recebe, compreende, entende, desintoxica e transforma as identificações projetivas do bebê. No amanhecer do psiquismo não há identificação projetiva, nem diferenciação entre sujeito e objeto.



Bion (1962b) insiste em salientar que:

O seio bom e o seio mal são experiências emocionais... O componente físico, leite, mal-estar produzido pela saciedade ou o seu oposto podem revelar prioridade cronológica a itens beta em elementos alfa. Intolerância à frustração pode ser tão marcante que a função alfa seria dificultada pela evacuação de elementos beta. O componente mental, amor, segurança, ansiedade, ao contrário do somático, requer um processo análogo ao da digestão. O que isso poderia ser é obscurecido pelo uso de alfa-conceito de função, mas a pesquisa pode encontrar um valor psicanalítico. (p. 35)

A interpretação deste texto não deixa dúvidas sobre a importância fundamental das sensações corporais, matéria-prima dos elementos beta, que antecedem os elementos alfa. As vivências de amor, segurança e ansiedade, diferentes do somático, são uma conquista do psiquismo e exige um processo análogo à digestão. O mestre deixa claro que são questões a investigar que não podem ficar ocultas pelo conceito de função alfa.

Bion (1962a) continua a nos ensinar:

Por exemplo, quando a mãe quer a criança, o que fazer? A partir dos canais físicos de comunicação tenho a impressão de que o amor se expressa através do *rêverie*. (p. 36)

Penso que os canais físicos de comunicação se inspiram no *rêverie* benigno, impulsionados por EROS. Se não for assim, o *splitting forçado* (Bion, 1962a) materno operaria mecanicamente, manipulando o corpo do bebê em sua materialidade concreta, como uma coisa em si, cumprindo um ritual – poderosa ferramenta para a desconexão emocional – e deixando de lado a significação. O manuseio concreto do corpo do bebê, sem *rêverie* benigno, não permite a experiência de contenção. A pele psíquica (Bick, 1986) não é criada, portanto não pode existir a introjeção do objeto continente e a pré-concepção humana da personalidade não se realiza. O *con-tato* materno com o bebê precisa ser psíquico, pois sobre esta base de sustentação se integram os cuidados físicos. Bion distingue a realidade

física da realidade sensorial, da psíquica e, finalmente, da realidade última. A qualidade misteriosa desse *con-tato* aproxima analogicamente a mãe da dimensão estética e ela será, então, a parteira de significados, intérprete e artista, seio pensante, objeto estético, musa inspiradora.

Mitrani (1996) explicita que os estados de não integração são normais no ser humano em um estado anterior à capacidade de a mãe transformar as experiências sensoriais iniciais do bebê em sentimentos e pensamentos. Esse estado de não integração – continua a autora – é experimentado sozinho pelo bebê como vivência de uma desintegração sem o continente materno, que não esteve acessível em um período que antecede à criação de uma pele psíquica estável.

O que acontece nesse estado anterior quando as experiências sensoriais não alcançam os sentimentos nem os pensamentos?

Como o continente materno pode estar acessível para o bebê?

Ou, como indaga Korbivcher (2009): como transformar as manifestações corporais (Chuster, 2006) presentes nas áreas não integradas da mente, nas áreas primordiais, não mentalizadas, em elementos psíquicos?

O *rêverie* não é restrito à criação da imagem visual. Ele pode receber, acolher e transformar as manifestações de TODOS OS ÓRGÃOS DOS SENTIDOS. O protossensorial pode ser transformado em protoemocional e em sucessivos movimentos transformacionais e, quando possível, pode alcançar o sonho, o pensamento e o sentimento (Petriciani, 2009).

É importante considerar que haja diferentes níveis de transformação da sensorialidade e diferentes níveis de transformação em sonho. Ou seja, a metabolização materna das identificações projetivas somente é possível na tridimensionalidade, quando o bebê já tem um espaço mental e diferencia o Sujeito e o Objeto. E antes de o bebê alcançar esse nível de desenvolvimento?

Afirmo que o estado de *rêverie* materno pode oferecer a continência necessária para permitir que o bebê atravesse os diferentes níveis de complexidade crescente. A consciência rudimentar do bebê (rudimentar, aqui, se refere a algo que está em germinação informe, no estado primordial), pautada pelo universo sensorial, pode conquistar a consciência ampliada, possibilitando o contato humano e a apreensão das qualidades psíquicas (Bion, 1957).

As emoções cumprem uma função similar à que cumprem os sentidos em relação aos objetos em espaço e tempo. Sustento que o *rêverie* materno é o que permite o crescimento do protomental (não simbólico e quantitativo), que cobre o protoemocional e o protossensorial, até chegar à mente (emocional e qualitativa). São transformações elaborativas em direção ao pensamento.

Os elementos sensoriais se transformam em dados sensoriais e logo em emoções, no intuito de alcançar o ápice do pensamento e do sentimento. Mas também há uma personalidade transformacional-autista-fanática, assimétrica-degenerativa da personalidade, que invade o câmbio catastrófico – aqui não se deve considerar o termo “não transformacional” no sentido estrito, pois esta é uma zona cujas transformações estão na direção do inanimado (Sor Senet, 1992).

Concluo que a função de *rêverie*, altamente exigida, é a que permite a transformação das manifestações corporais do bebê – presente nas áreas primordiais da mente, iluminada por Bion, Bick, Meltzer, Winnicott, Grotstein, Houzel, Ogden entre outros – não mentalizadas em elementos psíquicos.

Rêverie: suas funções

O rêverie propicia o trânsito através da cesura. (Bion, 1977)

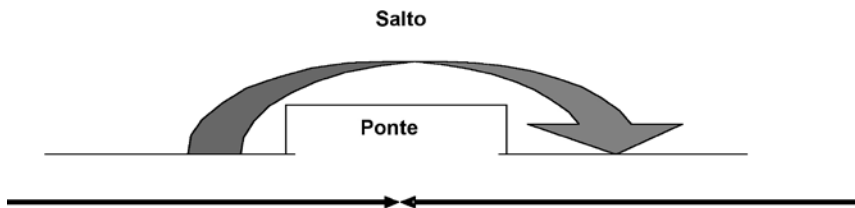
A. Cesura

Cesura é o título de uma conferência dada por Bion em 1975, na sede da Sociedade Psicanalítica de Los Angeles. *Cesura* deriva diretamente do latim e tem o sentido de *cortar*, *separar*, *dividir*.

Bion usa esse termo inspirado em Freud (1926/1976) “Há muito mais continuidade entre a vida intrauterina e a primeira infância do que a impressionante cesura do nascimento nos permitiria supor” (p. 131). Depois da cesura do nascimento há situações de ruptura, crise e passagem, as chamadas *cesuras do crescimento* (Sapienza, 2001). *Chronos* permite ver as sequências cronológicas de passar o tempo. *Kairós* permite identificar os momentos caóticos de ruptura e de crise (Rezende, 2009).

O *rêverie* também oferece um empurrão para pular as brechas e fissuras que separam os dois lugares e realizar a passagem, avançando rumo ao desconhecido. Tanto o crescimento quanto o trabalho analítico exigem atravessar cesuras. Há um “antes de” e um “depois de” na sequência de acontecimentos, que não é contínua (Talamo, 1997). Estar em crescimento é estar explorando múltiplas cesuras, atravessar diversos momentos, assombrar-se e estar envolvido por turbulências diante do novo e do incomum (Sor Senet, 1992). Crescer não é o momento de chegada.

Quando a cesura se apresenta como um muro intransponível, impermeável, a personalidade torna-se cada vez mais dividida, dissociada, e pode murchar ou deteriorar-se.



Uma fissura ou cesura pode atravessar três formas:

- a) Fazer uma ponte;
- b) Pular a brecha;
- c) Diminuir até desaparecer pela união das partes. No caso psíquico significa *pôr-se em unicidade: at-one-ment*. Esta unicidade pode permitir o desenvolvimento de uma qualidade pré-conceitual aberta ao descobrimento das relações.

Para poder fazer alguma dessas três tarefas se requer *tolerância à frustração*.

O nascimento e a morte são as cesuras reais da condição humana. Elas podem ser utilizadas metaforicamente.

*B) O *rêverie* propicia a matriz do câmbio catastrófico (C.C.)*

O C.C. é um método ou faceta da alteração ou transformação (Sor & Gazzano, 1988) que desarticula uma conjunção constante de significados em evolução. Os elementos desarticulados constituem um fator que intervirá na reestruturação futura. Há uma sequência entre um momento pré-catastrófico e um momento pós-catastrófico. O C.C. acontece quando se atravessa a cesura. Para Bion, no C.C. há invariância, alteração ou subversão do sistema previamente alcançado, ameaça de catástrofe cercada, violência e alteração. No C.C. não há uma catástrofe quando acontece em K – vínculo de conhecimento. O ‘conhecer’ é um C.C., é a experiência emocional ao se aproximar da expectativa frente aos fatos, acrescentando o saber nas relações interpessoais. A mente, ao estar em trânsito, perde a segurança frente ao que tem, para enfrentar a insegurança diante do que *não* tem.

O C.C., rumo ao crescimento, implica a transformação de uma estrutura ou uma parte dela mesma. Cito como exemplo a criança quando aprende a caminhar, em uma relação suficientemente boa com os progenitores. O andador precisa do *rêverie* materno, mas além de dar a mão, a mãe lhe oferece confiança, esperança, coragem, sustentação na instabilidade e desorganização a cada passo. Também o ajuda a transformar a dor e a frustração. Há uma transformação no SER e no EXISTIR.

*C) O *rêverie* oferece a experiência de continuidade – invariância – nas transformações*

A invariância implica que certos elementos do sistema anterior possam ser reconhecidos no novo, não com o sentido de permanência, mas de transformação. Creio que nas transformações do bebê rumo a “O”, devenir consigo mesmo, o SER e as transformações rumo a K são fundamentais para o crescimento mental e a aprendizagem.

*D) O *rêverie* exerce a função de reclamação (*reclaiming function*) (Alvarez, 1992)*

A função de *rêverie* pressupõe a existência e um espaço para a masculinidade no psiquismo materno. Um aspecto paternal primitivo da capacidade de *rêverie* está implícito na função materna de atrair a atenção da criança, apresentando-se como um objeto atraente, capaz de despertar seus interesses. O *rêverie* regula a passagem Ps ↔ Pd (♀.♂).

A mãe em estado de *rêverie* é capaz de estimular, despertar interesses e curiosidades, vitalizar, presentear, como objeto estético (Meltzer & Williams, 1988), o bebê deprimido ou em isolamento. Ela respeita o ciclo de mutualidade, de aproximação e retraimento, pois *exerce um papel ativo* para atrair sua atenção para o contato intersubjetivo, apresentando o mundo com encanto, surpresa, mistério e prazer. A existência do bebê e do mundo é enfatizada com prazer. Há um mútuo enriquecimento. Assim, a relação de objeto transcende as ideias mecanicistas de adaptação e ajustamento da psicologia comportamental. A função de reclamação precisa ser diferenciada das atitudes maníacas ou daquelas que pretendem negar a depressão que podem levar a um *falso self*.

*E. O *rêverie* encerra a experiência de paixão*

O vínculo descreve uma experiência emocional em que duas pessoas ou duas partes da mesma personalidade estão relacionadas uma com a outra. Para Bion, há emoções básicas que estão sempre presentes nos vínculos humanos (Bianchedi et al., 1991). A paixão implica o equilíbrio entre (L) amor, (H) ódio e (K) conhecimento quando as mentes estão unidas sem um sentido de possessão. É a condensação de Ps e D, experiências de dispersão e integração.

F) O rêverie é um dos poucos processos que permitem o trabalho da figurabilidade, função primordial do aparelho psíquico. (Botella, 2007)

Para Freud, ela é um procedimento específico no interior do trabalho de sonhos, uma “língua primitiva e sem gramática” que permite a criação de “novas unidades” (Freud, 1932/1979b). A imagem permite que o *pensar* possa ser transformado em imagens. A figuração se instala como meio de acesso à “nomação” e é um trabalho diurno completo. Para Botella & Botella (2001), o trabalho de figurabilidade é a via régia de toda a inteligência.

G) Inicia a atividade K – knowledge – da mente

Todo conhecimento se origina em experiências primitivas de caráter emocional, na ausência do objeto (Grinberg, Sor e Bianchedi, 1998). A mãe pode aliviar a dor diante da frustração quando o seio não é oferecido, e ativamente se colocar como objeto interessante a ser conhecido, olhando, cantando, falando, estendendo os seus braços ao filho. “Pode esperar, mamãe está aqui contigo... enquanto prepara a mamadeira. Que fome tão terrível é essa?”. O descobrimento e a aprendizagem são uma consequência da relação mãe-bebê. É o vínculo entre um sujeito que busca conhecer um objeto e um objeto que se presta a ser conhecido. Um bebê é um filósofo em potência. Quando há o predomínio do vínculo K, L e H estão a ele subordinados. No conhecer está implícito o não conhecer: a capacidade negativa. O conhecimento da realidade psíquica é a *função psicanalítica da personalidade*, presente desde o início da vida.

K é um vínculo que corresponde à emoção ligada à incerteza e à tensão, tornando o desconhecido mais suportável, na expectativa de se obter um sentido. É o vínculo psicanalítico por excelência. O processo psicanalítico desenvolve o vínculo K.

H) Inspira a tolerância e a frustração

Um bebê capaz de tolerar a frustração pode se permitir ter um sentido da realidade, isto é, o princípio de realidade pode prevalecer em seu mundo. Se sua intolerância à frustração vai além de certos limites, começam a funcionar os mecanismos onipotentes, especialmente a identificação projetiva. A capacidade de pensamento como um meio de suavizar a frustração, quando predomina o princípio de realidade, depende da existência da capacidade de *rêverie* da mãe (Bion, 1962a).

O amor ajuda a tolerar a frustração. O narcisismo primário e a inveja dificultam essa tolerância. Para Bion, em suas primeiras contribuições, fiel à inspiração kleiniana, a capacidade de tolerar a frustração era inata. Em seus últimos trabalhos, pode-se inferir que na personalidade dialogam e convivem vários personagens. O lugar dado ao objeto externo real é crucial.

A mãe, ao oferecer sua palavra compreensiva, seu rosto expressivo, seus braços, sua postura, permite criar um ambiente para que a presença do objeto possa ser suportada. A tolerância à frustração e à dor permite a experiência de não coisa. A mãe ajuda a construir um espaço mental e um tempo pautado pela realidade e pela esperança. “Agora não, talvez mais tarde...”. Substituições podem ser encorajadas e assim o símbolo nasce.

I) O rêverie inspira a esperança e fé

O desamparo produz um aumento da necessidade de um seio bom. As informações da precariedade de si mesmo, associadas à consciência rudimentar, informam o desampa-

ro. O *rêverie* permite a introjeção de uma relação objetal boa, um seio pensante, que é fonte de esperança, vitalidade e fé – fé na existência desta realidade e desta verdade.

J) *Neborak e Cortiñas (1993) indicam que a cultura, a partir do vértice artístico, exerce uma função equivalente ao rêverie*

A arte proporciona experiências emocionais para seu interlocutor. Ao expressar a figura do indeciso, o impensável permite des-intoxicar e significar o que não tinha clara definição no social, nem no início do psiquismo. Guernica seria um dos vários exemplos. O artista oferece uma forma expressiva ao terror à guerra.

Rêverie e techné

Na história da psicanálise há alterações significativas no método e na técnica, revelados a partir de diferentes paradigmas e de novas posturas metapsicológicas. Toda técnica se sustenta em uma teoria. Para Bion, a célebre recomendação é estar na sessão analítica sem memória, sem desejo e sem a pretensão de compreensão, para não saturar o encontro emocional.

No início do século, o paciente era o artista principal da cena analítica. Importava na psicanálise clássica a investigação do *intrapsíquico* do paciente. A controvérsia do conceito de contratransferência – ora visto como obstáculo, ora como precioso recurso –, convoca a presença do analista no processo analítico: são dois os protagonistas do processo que ocupam lugares diferentes e assimétricos.

A psicanálise contemporânea *foca a relação entre os protagonistas*.

Para Bion, o analista exerce sua função alfa, especializada como *função psicanalítica da personalidade*. Nas conferências de Nova Iorque, poeticamente se cria uma bela metáfora: a função alfa é semelhante à oferta de um ninho para que os pássaros que buscam significados consigam repouso restaurador. Na mesma conferência, o autor compara o ofício do analista a uma parteira. Para Grotstein (2007) a função continente-conteúdo (♀.♂) permite o modelo analógico *médico da diálise*. Enfatizar a importância da pessoa do analista e seus dotes como parteiro na relação analítica é uma preciosa contribuição do mestre, pois esta postura compromete o analista, amplia e aprofunda a sua função muito além da desintoxicação das identificações projetivas do paciente.

A psicanálise é ciência pós-paradigmática (Rezende, 2009) e arte.

Tanto para Meltzer quanto para Ogden e Ferro *rêverie* é uma atividade intersubjetiva entre o paciente e o analista, radicalmente bipessoal.

Para Meltzer (1984), *rêverie* é um ato pré-consciente, uma resposta do analista diante da escuta do sonho do paciente, um ressonar o sonho para alcançar uma melhor compreensão. O analista escuta o paciente e observa a imagem que surge em sua imaginação. Quando o paciente não pode sonhar, o analista sofre o efeito das identificações projetivas excessivas, ou os efeitos da mente primordial.

Ferro (2008) considera que na sessão analítica há uma constante *atividade de rêverie de base*. Com esta valiosa capacidade, o analista recebe, metaboliza e transforma continuamente o que chega do paciente – em forma verbal, para-verbal e não verbal – em imagens visuais intuitivas: os pictogramas emocionais. Esta é a função digestiva, imaginativa e poética do aparelho psíquico. Ferro (2009) postula dois tipos diferentes de *rêverie*: tanto os *rê-*

veries de flash visual, pontuais, de curta metragem, quanto os *rêveries* mais completos, que são como uma construção paulatina de um conjunto de *rêveries*: as de larga metragem. Os pictogramas podem se transformar em derivados narrativos do pensamento onírico diurno: os elementos alfa (Ferro, 1998). Esse elemento alfa é o *pictograma emotivo do instante da relação*. Os fotogramas oníricos da vigília permitem o contato com os “pensamentos oníricos de vigília”. Também esse autor postula uma atividade contínua de *identificações projetivas de base*, que solicitam a atividade de *rêverie* do analista. A formação de pictogramas emocionais é contínua, originando o pensamento onírico de vigília. O gênero narrativo (arte, recordações, diários etc.) expressa os pictogramas nos derivados narrativos – os narradores – formados pela sequência de elementos alfa.

A análise permitirá que o paciente introjete esta função “cheia de histórias”, “narradora de emoções”, através de memórias, recordações e personagens, para criar um “narrador interno”. O paciente fornece a narrativa e o analista coopera com esse *script* ao introduzir e modelar os personagens que sintetizam emoções.

Com pacientes muito perturbados, a capacidade de *rêverie* do analista cria o continente e exercita a função alfa do paciente ao permitir a criação, a evolução, o desenvolvimento e a *alfa-betação* das protoemoções. Além disso, elas podem encontrar uma forma expressiva nos pictogramas e nas subunidades narrativas à espera de significado, em vez de serem evacuadas. Com esses pacientes o analista precisa primeiro tecer o tecido mental, isto é, criar o continente, antes de interpretá-lo. Ao vivenciar *at-one-moment* as experiências emocionais, o analista pode transformá-las, metabolizá-las, desintoxicá-las, significá-las e modulá-las.

Para o autor italiano há uma oscilação permanente entre criatividade e técnica.

Quando o *rêverie* prevalece são possíveis novas e imprevistas expansões de sentido em momentos muito fecundos de interpretações, narrativas, instauradas, abertas, em forma dialógica (Ribeiro, 1999). Questiono se é possível conceber a técnica psicanalítica sem criatividade, mas concordo que nem sempre é possível alcançar esta meta.

Exemplo clínico

Maria é uma adolescente de 16 anos. Ela falta nas três sessões da semana, sem dar notícias, motivo que despertou grande tristeza e preocupação em mim, ao mesmo tempo que indagações sobre os perigos psíquicos que esta paciente podia estar correndo diante das vivências de orfandade e anemia psíquica. Maria atuava muito em “relações sexuais” à procura de objetos cuidadores.

Os pais haviam me informado, em uma entrevista conjunta com a paciente, que a mãe permaneceria na Inglaterra por um ano, para completar a sua tese. Diante da preocupação e a dor pela identificação com a minha paciente, esqueci a data da viagem, forma de negar a privação da função materna.

Maria chega atrasada na primeira sessão da semana seguinte. Ela questiona muito o sentido de sua análise, o desgaste com a viagem, o preço das sessões. Em atitude hostil, briga comigo e me desqualifica.

Imediatamente aparece em minha mente o mapa da ilha da Inglaterra com uma enorme distância do continente.

Pergunto-lhe sobre as faltas na semana anterior. “Não interessa”. Um silêncio cortante se faz presente entre nós. Aguardo.

Pergunto-lhe sobre a viagem de sua mãe. A partida havia sido na semana em que faltou. Interpreto sua tristeza, sua dor. Quando há separações ela sente que nada mais importa e parece desmorar. Só que ela sim, tem importância para mim, mesmo quando as férias se aproximam. Mostro-lhe o calendário realizado nas sessões anteriores.

Logo ela me comunica que sairá com o pai de férias para Florianópolis, uma ilha, no mês de julho. Uma pousada para os dois foi reservada porque não há lugar no resort (período que não corresponde às nossas férias de julho). “Está muito difícil fazer minha mala. Não sei o que colocar, se roupa de inverno ou baby doll, vestidos ou calças, roupa de inverno ou de verão...”

Penso na intensificação das fantasias pré-edípicas que mascaram estados mentais primitivos mais profundos, que buscam a identificação adesiva e a pele psíquica como continente. A mala aparece como um espaço mental incipiente, rudimentar, que não pode abrigar e organizar suas fantasias e emoções. Não há lugar para as discriminações necessárias e os lugares assimétricos em uma triangulação edípica. Como ser a adolescente e a MENINA-MULHER PROTETORA do PAPAÍ?

Comento que, nesse período, não estaremos de férias na análise, como já havíamos combinado e escrito no calendário. Ela fica brava. Quer marcar as férias e não se submeter aos meus caprichos! A data das férias analíticas – o tempo como limite – marca minha presença, que interfere nessa relação incestuosa simbiótica com o pai. Uma pista para compreender a sua fúria.

Pede-me uma folha para fazer a lista do que levará na mala. Senta-se no divã e começa a pensar em voz alta e a escrever a lista, roupa de frio, de calor... “Aqui pode me encontrar como uma companhia que permite que te organizes, que separe o calor do frio... Tempo de férias, tempo de trabalho, lugar de Alicia, lugar de Maria, mesmo que possa ter muito desespero diante dessas separações.”

O flash onírico, na situação de transferência total, me permitiu compreender:

- a) A privação de um continente interno estável que não se deve somente à crise da adolescência.*
- b) As férias na ilha de Florianópolis como uma forma excitante de substituir maniacamente o desgarramento, quando uma mãe é morta em sua função.*
- c) A impossibilidade de compartilhar emoções doloridas pela viagem da mãe é mais um fator traumático em uma história de traumas acumulativos.*
- d) A arrogância como máscara da catástrofe primitiva. Ela quer ocupar todos os lugares: filha, mulher, esposa. Na transferência, querer ocupar o lugar do analista revela não ter um LUGAR como garantia de existência.*
- e) Penso que, na sessão, Maria pode reclamar ativamente das situações traumáticas (não tem importância não contar com o objeto primário para aprender) que viveu passivamente em outro momento, graças à transferência de situações anteriores.*

Ferro (2008) leva a concepção da relação *objetal e intersubjetividade*, como indispensáveis na criação da mente e no processo analítico, às últimas consequências. Ele não considera a capacidade de tolerar a frustração como inata, tal como no pensamento de Klein ou no primeiro de Bion; esta capacidade derivaria da introjeção do funcionamento mental dos pais.

Ogden (2007) ressalta que os *rêveries* do analista são uma via indispensável para a compreensão e a interpretação da transferência e da contratransferência. Para esse autor, elas são um acontecimento pessoal e íntimo do analista. A inter-relação entre a subjetividade do analista e a do paciente cria construções intersubjetivas inconscientes: “O terceiro analítico intersubjetivo” (Ogden, 1986, 1994, 1996). O processo analítico reflete a inter-relação de três subjetividades: a subjetividade do analista, a do analisando e a do terceiro analítico.

A atividade psicológica de *rêverie* representa formas simbólicas e protossimbólicas (baseadas em sensações) atribuídas à experiência não articulada (e muitas vezes não sentida) do paciente. Elas ganham forma na intersubjetividade do par analítico: o terceiro analítico – construção assimétrica criada no *setting* analítico. Ser analista, num sentido pleno, implica tentar conscientemente fazer participar, do processo analítico, aspectos sagrados da própria personalidade.

Esse autor alerta para o perigo de supervalorizar os *rêveries*, como se eles fossem a única “via régia” para se ter acesso ao nível inconsciente. Mas destaca sua importância como bússola emocional para ampliar o sentido e a compreensão na situação analítica.

É de tal importância na relação do processo analítico e no reconhecimento da participação ativa da pessoa do analista na cena, que Marucco (2008) alerta que a paralisia da capacidade de *rêverie* no analista – seria mais apropriado usar o conceito: função alfa do analista, como já justifiquei – seria um sintoma que advertiria o profissional de que o trabalho de autoanálise já não é suficiente, sendo urgente voltar para o divã para reanálise. Esta advertência abre o debate sobre a postura ética na identidade analítica.

A reanálise, como uma atitude humilde, não implica, necessariamente, uma denúncia sobre o fracasso do processo analítico anterior. Esta decisão pode ser uma oportunidade para reconhecer as limitações do método, da condição humana e ressaltar a essência do objeto analítico, na fronteira com os enigmas, o não representado, o inacabado, o indecifrável na relação. Mas é evidente que o próprio processo de reanálise também está sujeito a limitações.

Rezende (2009) explicita a contribuição de Bion à técnica psicanalítica:

... podemos dizer que o pensamento psicanalítico é a própria *rêverie* no prolongamento do conteúdo. Mas para isso suceder é indispensável a tolerância à frustração, compreendida agora não apenas como a capacidade de se manter sem se afogar e mergulhar, pela turbulência da situação, mas muito propriamente como força de ânimo. (p. 24)

Uma força maior no próprio exercício da relação continente-conteúdo, com expansão do universo mental da dupla.

Exemplo clínico

Paula é uma menina que iniciou análise por sofrer de Estados Autísticos aos dois anos de idade. Nesta sessão já tem dez anos. As férias de verão se aproximam.

No primeiro encontro, à esquerda, ela se desenha. À sua direita, coloca o material e a maquiagem em uma bolsa escolar, e do outro lado um livro muito confuso. Observo os olhos

assustados e o enorme coração roxo. Também a boca cheia de dentes e a orelha com uma argola negra.

Penso que o anúncio das férias entrou como uma nuvem negra que a desestabilizou. O desenho está flutuando, no ar, sem o apoio no solo.

A seu pedido, desenho enquanto interpreto. Pretendo que o pictograma – desenho do calendário como ideia que está em sua cabeça – possa se transformar em um idiograma. Desenho abaixo o calendário, nossos rostos, na tentativa de afirmar que as férias não provocam o desgarramento e o desaparecimento do nosso vínculo. No coração coloco o A, inicial de meu nome, da análise, de AMOR. Ela risca essa letra com violência. Os olhos do meu desenho encontram os olhos do seu.

Ressalto a firmeza do apoio, do conteúdo florido.

“Separamo-nos pelas férias, mas P está firme aqui.” Mostro-lhe o coração, a relva. Sapateio com os pés no solo, para registrar a base de apoio.

“P está assustada, com raiva...” Mostro-lhe a letra A rabiscada e o coração. “Mas podemos nos separar e nos encontrar de novo”. Eu faço o gesto unindo e separando minhas mãos.

P decide fazer seu segundo desenho. Destaco o apoio da figura, em três sustentações (três semanas de viagem), muito diferente do seu primeiro desenho. Como projeto faz as três semanas de nossa separação e coloca o número três. Também coloca a inicial dos objetos que desenha em sua bolsa: uma tentativa de nominação e discriminação. B de batom em português, lápis de lábio. B de Boticário, tradicional rede de perfumarias no Brasil.

Na hora de terminar este texto, apelo às transformações gráficas, revelações das mudanças psíquicas. A separação pelas férias desperta as marcas mnemônicas das rupturas traumáticas demoníacas de outrora. Mas agora é possível que o vínculo analítico seja abrigado em seu coração-continente, durante a separação anunciada: a gestação do símbolo, uma presença na ausência aparece.



Rêverie revisitado

Resumen: El trabajo de sueño alfa es una función primordial y permanente del psiquismo. Permite crear los pictogramas que ofrecen figurabilidad y metabolizan las experiencias emocionales. Rêverie es el concepto clave que destaca e ilumina la relación de objeto. El rêverie nace en una historia transgeneracional. En el psiquismo pre-natal y en los primeros años de vida del niño, la madre se retira del mundo externo, para invertir su atención, en la relación con su hijo. El analista ejerce con el paciente la función alfa y el trabajo de sueño alfa en lugar de rêverie porque el analista no tuvo con el paciente una gestación – a no ser metafórica – corporal compartida. La función del rêverie en la constitución de la mente y sus múltiples funciones: el tránsito a través de la cesura; matriz del cambio catastrófico; experiencia de continuidad en las transformaciones; función de reclamación (Alvarez, 1992); mostrar la experiencia de la pasión; permite el trabajo de figurabilidad (Botella, 2007); iniciar la actividad K de la mente; inspirar la tolerancia a la frustración; convocar la esperanza y la fe; la cultura a partir del vértice artístico ejerce función equivalente al rêverie. Ejemplos clínicos ilustran la teoría.

Palabras clave: trabajo de sueño alfa; rêverie; constitución de la mente; genesis del rêverie; funciones del rêverie; técnica psicoanalítica.

Reverie revisited

Abstract: The alpha dream work is a primary and permanent function of psychism. It allows the creation of pictograms which provide figurability to metabolise emotional experiences. This theory revolutionizes the psychoanalytical Techné. Reverie is the key concept that distinguishes and enlightens object-relations. It is originated in a transgenerational history. The pregnant mother is involved in a bond with her mother and her baby. In prenatal psychism and in the first years of the child's life, the mother retreats from the external world in order to invest her attention in her relationship with the child. The analyst carries out with the patient the alfa function and the alfa dream work instead of reverie, for the analyst didn't share with the patient a bodily – unless metaphorical – gestation. The function of the reverie in the constitution of the mind and its multiple functions are highlighted: the transit through ceasure; matrix of catastrophic change; experience of continuity in transformations; function of reclamation (Alvarez, 1992); teaches the experience of passion; allows the work of figurability (Botella, 2007); initiates the mind's K activity; inspires tolerance of frustration; summons hope and faith; in its artistic perspective, culture exerts an equivalent function to the reverie. Clinical vignettes illustrate the theory.

Keywords: alfa dream work; reverie; constitution of the mind; genesis of reverie; functions of reverie; psychoanalytical technique.

Referências

- Alvarez, A. (1992). *Live Company*. London: Routledge.
- Bianchedi, E.T. (1995). Creative writers and Dream-Work: Alpha. In E.T. Bianchedi, *On Freud's Creative Writers and Day-dreaming*. London: Yale University Press.
- Bianchedi, E.T. et al. (1991). Pre-natales, post-natales: la personalidad total – memoria del futuro. Futuro del psicoanálisis. In *Bion – Conocido/ Desconocido* (pp. 51-63). Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Bick, E. (1986). Further considerations on the function of the skin in early object relations: Findings from infant observation integrated into child and adult analysis. *Brit. J. Psychother.*, 2 (4), 292-199.
- Bick, E. (1991). A experiência da pele em relações de objeto arcaicas. In *Melanie Klein Hoje* (pp. 194-198). Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W.R. (1957). On arrogance. In W.R. Bion, *Second Thoughts*. London: Karnac Books.
- Bion, W.R. (1959). Attacks on linking. *International Journal of Psychoanalysis*, 40, 308-315.
- Bion, W.R. (1962a). *Learning from experience*. London: Karnac Books.
- Bion, W.R. (1962b). A theory of thinking. In W.R. Bion, *Second Thoughts*. London: Karnac Books.
- Bion, W.R. (1963). *Elements of psychoanalysis*. London: Karnac Books.
- Bion, W.R. (1965). *Transformations*. London: Karnac Books.
- Bion, W.R. (1967). *Second Thoughts*. London: Karnac Books.
- Bion, W.R. (1970). *Attention and interpretation*. London: Karnac Books.

- Bion, W.R. (1973). *Brazilian Lectures, I (Conferências Brasileiras, I)*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W.R. (1977). *Two papers: the Grid and Caesura*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W.R. (1979). The dawn of oblivion. In W.R. Bion, *A Memoir of the Future* (pp. 1-139). London: Karnac.
- Bion, W.R. (1980). *Bion in New York and São Paulo*. Strathclyde: Clunie Press.
- Bion, W.R. (1981). Cesura. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 15 (2), 123-36.
- Bion, W.R. (1987). Making the best of a bad job. In W.R. Bion, *Clinical seminars: Brasilia and São Paulo, and four papers* (pp. 246-257). Abingdon: Fleetwood Press. (Trabalho original publicado em 1979)
- Bion, W.R. (1992). *Cogitations*. London: Karnac Books.
- Botella, C. (2007). Rêverie-reverie e o trabalho de figurabilidade. *Rêverie: Revista de Psicanálise*, 1 (1), 77-83.
- Botella, C. & Botella, S. (2001). *La figurabilité psychique*. Paris: In Press.
- Chuster, A. (2006). As origens do inconsciente: janelas da mente. *Revista Latinoamericana de Psicoanálisis*, 7, 262-285.
- Colucci, A. & Silveira, L. (2009). Experiencia estética y preocupación materna primaria. In A. Colucci e L. Silveira, *Constituição da vida psíquica* (pp. 113-128). São Paulo: Hirondele.
- Cortiñas, L. (2007). *La dimensión estética de la mente: variaciones sobre un tema de Bion*. Buenos Aires: Ediciones del Signo.
- Ferro, A. (1998). Apêndice: os quadrantes do setting. In A. Ferro, *Na sala de análise: emoções, relatos, transformações* (pp. 181-207). Rio de Janeiro: Imago.
- Ferro, A. (1999). *A psicanálise como literatura e terapia*. Rio de Janeiro: Imago.
- Ferro, A. (2008). “Técnica e criatividade”: o trabalho analítico. Rio de Janeiro: Imago.
- Ferro, A. (2009) Vídeo conferencia “Evitar emoções, Viver Emoções”. Publicação do Núcleo de Psicanálise de Campinas e Região. VI Encontro do NPCR, XI (16).
- Freud, S. (1976). Inhibición, síntoma y angustia. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 20, pp. 83-164). Biblioteca Nueva: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1926)
- Freud, S. (1979a). La Interpretación de los sueños. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 5, pp. 345-503). Biblioteca Nueva: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1979b). Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 22, pp. 5-168). Biblioteca Nueva: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1932).
- Green, A. (1983). La mère morte. In A. Green, *Narcissisme de vie, narcissisme de mort* (pp. 222-253). Paris: Minuit.
- Grinberg, L.; Sor, D. & Bianchedi, E.T. (1998). *Nueva introducción a las ideas de Bion* (pp. 181-208). Rio de Janeiro: Imago.
- Grotstein, J. (2004). *Comunicación personal*. España: Tecnipublicaciones.
- Grotstein, J. (2007). *A Beam of Intense Darkness*. London: Karnac Books.
- Junqueira Filho, L.C.U. (1991). Função: “sonhar”. *Jornal de Psicanálise*, 24 (47), 49-58.
- Keats, J. (s/d). *Letters*. London: Forman, Oxford University Press.
- Korbivcher, C. (2009). O referencial de Bion e fenômenos não integrados: diluição e queda. Trabalho apresentado em Reunião Científica na SBPSP.
- Marucco, N. (2008). A análise do analista: análise didática, reanálise, autoanálise. *Jornal de Psicanálise*, 41 (74), 187-196.
- Melsohn, I. (2001). *Psicanálise em nova chave*. São Paulo: Perspectiva.
- Meltzer, D. & Mack Smith, C. (2008). *Bebés: experiencias desde un vértice psicoanalítico*. Barcelona: GPB Grafien.
- Meltzer, D. & Williams, M.H. (1988). *The apprehension of beauty: The role of aesthetic conflict in development, violence and art*. Perthshire: Clunie Press.
- Meltzer, D. (1984). *Dream-life: a re-examination of the psycho-analytical theory and technique*. London: Clunie Press.
- Meltzer, D. et. al. (1984). *Exploración del autismo*. Buenos Aires: Paidós.

- Mitrani, J. (1996). Unintegration, adhesive identification, and psychic skin: Variations on some themes by Esther Bick. In J. Mitrani, *A Framework of Imaginary: Clinical Explorations in Primitive states of Being*. London: Jason Aronson.
- Neborak, S. & Cortiñas, L. (1993). Pôster apresentado no Congresso Internacional de Psicanálise, 38, Amsterdam, julho (IPA).
- Ogden, T. (1986). The matrix of the mind. In T. Ogden, *Object relations and the Psychoanalytic Dialogue* (pp. 11-190). Northhalve, New Jersey: Jason Aronson.
- Ogden, T. (1994). *Subjects of analysis*. London: Karnac Books.
- Ogden, T. (1996). O conceito de ato interpretativo. In T. Ogden, *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ogden, T.H. (2007). *Rêverie e interpretação. Rêverie: Revista de Psicanálise, 1 (1)*, 61-64.
- Parsons, M. (2007). Sobre a *rêverie*. *Rêverie: Revista de Psicanálise, 1 (1)*, 73-76.
- Petriccioni, M (2009). O pensamento de Antonino Ferro: algumas reflexões. Na sala de análise. VI Encontro do Núcleo de Psicanálise de Campinas e Região.
- Rezende, A (2009). A cesura. Texto inédito.
- Rezze, C. (2009). Turbulências: do aprender com a experiência emocional ao pensamento selvagem. In C. Rezze, *Psicanálise: Bion transformações e desdobramentos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ribeiro, M. (1999). *Rêverie* hostil e *rêverie* benigna. *Revista Brasileira de Psicanálise, 33 (3)*, 431-447.
- Sandler, P. (2005). *The Language of Bion. A dictionary of concepts*. London: Karnac.
- Sapienza, A. (2001). *Cesura*. Palestra pronunciada no XVIII Congresso de Psicanálise da ABP em São Paulo.
- Sor, D. & Gazzano, M.R.S. (1992). *Fanatismo*. Buenos Aires: Ananké.
- Sor, D. & Gazzano, M.R.S. (1988). *Cambio catastrófico*. Chile: Kargieman.
- Sor, D. & Senet, M.R. (1992). *Fanatismo* (pp. 17-357). Buenos Aires: Ananké.
- Tálamo, P.B. (1997). Os dois lados da cesura. In M.O. de A.F. França (Org.), *Bion em São Paulo: ressonâncias* (pp. 377-396). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.
- Winnicott, D.W. (1965). *The Maturational Process and the Facilitating Environment: Studies in the Theory of Emotional Development*. London: Hogarth Press & The Institute of Psychoanalysis 1965. New York: International Universities Press, 1965. [Reprinted London: Karnac Books, 1990]. Buenos Aires: Amorrortu.
- Williams, M.H. (1997). Inspiration: A psychoanalytic and a esthetic concept. *British Journal of Psychotherapy, 14 (1)*, 33-43.
- Williams, M.H. (2008). *The aesthetic development: Bion, Meltzer and the poetic spirit of psychoanalysis*. Trabalho apresentado em: Encontro Internacional: O pensamento vivo de Donald Meltzer.

[Recebido em 6.10.2010, aceito em 29.10.2010]

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo

[Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo SBPSP]

Rua José Morano, 313

13095-450 Campinas, SP

Tel: 19 3251-5059

alicia.lisondo@uol.com.br